

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

Três Cenários Possíveis

Marcelo Boffi*

Resumo

O equilíbrio de poder é uma condição necessária para a paz entre as potências. Nessa circunstância, o poder dos países fortes se apresenta praticamente em dimensões iguais. Esta situação faz com que um Estado não possa se sobrepor a seus pares já que os riscos de tal aventura seriam extremamente elevados diante da igualdade de forças.

Todavia, o equilíbrio de poder não basta, não é uma condição suficiente. Para alcançar uma paz estável é preciso que, ao mesmo tempo, exista uma satisfação com o dito equilíbrio por parte de todas as potências.

Palavras-chave: Geopolítica, Política Internacional e EUA.

Abstract

The balance of power is a necessary condition for the peace among the powers. In this situation the power of the strong countries is practically from equal dimensions. This situation causes that a State cannot be superposed to its pairs since the risks of such adventure extremely would be elevated given the equality of forces.

Nevertheless the balance of power is not a sufficient condition in order that the lasting peace might be reached, at the same time a satisfaction on the part of the totality of the powers with this balance must exist.

Key words: Geopolitics, Foreign Affairs, USA.

* Marcelo Boffi. Diretor do *Boletín de Relaciones Internacionales*. (www.relinter.com.ar). E-mail: m.boffi@relinter.com.ar
Recebido em 06/05/2005. Selecionado para publicação em 06/07/2005.

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

A política externa da administração Bush causa sérias implicações ao futuro do sistema mundial. Entretanto, a conformação da arena política global dependerá também das estratégias que as outras potências adotem frente aos planos da Casa Branca.

O mundo pode ser dividido em dois tipos de Estados: hegemônicos e periféricos. Os primeiros costumam também ser denominados de: Primeiro Mundo, potências, países desenvolvidos ou industrializados, Estados fortes ou ricos etc. Os segundos: Terceiro Mundo, países em vias de desenvolvimento ou emergentes, Estados fracos ou pobres etc.

Mais além da teórica independência de todos os estados do sistema mundial, as potências intervêm de fato na política interna dos países pobres, violando suas supostas autonomias. O fazem por meio de ameaças econômicas, políticas e militares. O resultado, na maior parte das vezes, é o seguinte: os países “fracos” tomam decisões de acordo com as diretrizes da política externa de seus “pares mais fortes”. Daí se deduz que os estados ricos realizam uma espécie de governo mundial de fato. Os países “fracos” se submetem realmente às decisões do referido governo.

A paz entre as potências é de uma importância cabal nas Relações Internacionais, dado o grau de destruição que um conflito entre elas pode gerar. Uma paz estável entre os países deste reduzido “clube” é possível se existem dois elementos: equilíbrio de poder e satisfação com esse equilíbrio.

O equilíbrio de poder é uma condição necessária para a paz entre as potências. Nessa circunstância, o poder dos países fortes se apresenta praticamente em dimensões iguais. Esta situação faz com que um Estado não possa se sobrepôr a seus pares já que os riscos de tal aventura seriam extremamente elevados diante da igualdade de forças. Tal foi o caso da Guerra Fria: a União Soviética e os Estados Unidos tinham um poder militar semelhante e isto impediu que surgisse um conflito armado. Algo semelhante ocorreu na Europa do século XIX. O equilíbrio entre as potências européias levou ali também à ausência de guerras.

Todavia, o equilíbrio de poder não basta, não é uma condição suficiente. Para alcançar uma paz estável é preciso que, ao mesmo tempo, exista uma satisfação com o dito equilíbrio por parte de todas as potências. Quando todas as potências estão de acordo com a cota de poder que detêm,

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

não pretendem modificar o equilíbrio de poder. Em alguns casos chegam inclusive a criar alianças ou organismos para manter o dito equilíbrio (Congresso de Viena, Sociedade das Nações, ONU). Estes organismos se baseiam na segurança coletiva: quando um Estado tenta aumentar seu poder e quebrar o equilíbrio, os outros se unem para derrubá-lo.

Equilíbrio de poder e satisfação com o referido equilíbrio são, portanto, juntos, elementos indispensáveis para o estabelecimento de uma paz estável entre as grandes potências.

Quando irrompe então o conflito? A paz se quebra quando surge um Estado que não está de acordo com o equilíbrio de poder e pretende rompê-lo. Esta tentativa de rompimento está relacionada a um Estado que podemos denominar “revolucionário”. Exemplos: Alemanha de Hitler e França de Napoleão. Ao contrário, podemos denominar de “potências conformistas” os Estados satisfeitos com o status quo, ou seja, com o equilíbrio de poder instalado. Exemplos: Inglaterra e França nos tempos de Hitler e Inglaterra e Áustria nos tempos de Napoleão. Vejamos mais detalhadamente estes dois tipos de Estados:

Estados revolucionários: a política externa destes Estados é do tipo expansionista. Por detrás de toda política expansionista costuma haver uma ideologia que justifica sua forma de agir, porém, na verdade, a finalidade última é sempre a acumulação de poder. Existem diferentes maneiras de aumentar o poder de um Estado: intervenção militar, pressão política e econômica etc. Em todos os casos estas manobras implicam sobrepor-se a outro Estado, dominá-lo. Os atores revolucionários podem perseguir seu objetivo de duas maneiras, mediante uma política multilateral ou mediante uma do tipo unilateral.

Política Multilateral: estes Estados pretendem aumentar seu poder sem sobrepor-se às outras potências e sem chegar ao conflito armado com elas. Atuam multilateralmente, ou seja, em consenso com as outras potências. O Estado revolucionário se impõe, preferencialmente, aos Estados “fracos” (exemplo: colonialismo). São moderados em relação ao poder que aspiram. São estados “saciáveis”: freiam por sua própria conta suas ambições expansionistas.

Política Unilateral: Os Estados revolucionários que optam por atuar unilateralmente pretendem aumentar seu poder sobrepondo-se às outras potências. São “insaciáveis”: não encontram freios às suas aspirações de poder.

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

Estados conformistas: podemos identificá-los segundo a reação que tomam frente à aparição de um ator revolucionário. A referida reação pode identificar-se da seguinte maneira: passiva ou ativa.

Passiva: as potências conformistas, por falta de vontade ou de capacidade, deixam que o Estado revolucionário atue sem colocar obstáculos a ele, esperando que em algum momento este freie sua política imperialista por conta própria.

Ativa: implica em uma clara decisão de frear o apetite expansionista do Estado revolucionário. Os meios podem ser diplomáticos, econômicos ou militares.

A combinação destes distintos tipos de atores revolucionários e conformistas pode gerar três tipos de cenários:

Consenso inter-hegemônico, enfrentamento inter-hegemônico e Estado revolucionário sem freios.

Consenso inter-hegemônico: se o Estado revolucionário segue uma postura multilateral, não será necessária uma reação ativa das potências conformistas, tendo em vista que esse Estado arrefecerá por conta própria. Quando se pode esperar um entendimento com as potências conformistas e chegar a um consenso entre as potências, é caracterizado um consenso inter-hegemônico.

Enfrentamento inter-hegemônico: se o Estado revolucionário persegue uma política unilateral e as potências conformistas tomam uma atitude ativa, deparamo-nos, muito provavelmente, com um enfrentamento inter-hegemônico, caracterizado por duas frentes: o Estado revolucionário por um lado, e por outro uma aliança entre as potências conformistas. Este tipo de enfrentamento pode ter como desenlace um conflito armado.

Estado revolucionários sem freios: se o Estado revolucionário toma uma postura unilateral e as potências conformistas tomam uma atitude passiva, nos encontraremos frente a um Império sem freios que levará a cabo sua política expansionista sem trava alguma.

Exemplos históricos

Tratemos de prever, mediante estas ferramentas, o que se sucederá nos próximos anos. Sob a administração Bush, os EUA se converteram em um Estado revolucionário, já que estão

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

buscando aumentar seu poder de forma considerável. Suas intenções expansionistas vêm-se muito claramente na Ásia Central, na África e no Oriente Médio.

Pois bem, são os Estados Unidos um Estado revolucionário com uma postura multilateral ou unilateral? Na primeira etapa do primeiro mandato de Bush, os EUA optaram pelo multilateralismo, já que buscaram e encontraram o consenso de outras potências para efetivarem sua política externa. O caso emblemático foi o do Afeganistão. Porém, com a guerra do Iraque a questão mudou. Os EUA atuaram unilateralmente, efetivando seus planos sem buscar um consenso inter-hegemônico. A política dos Estados Unidos de ataques preventivos converteu-se na maior expressão do unilateralismo norte-americano. Ali começaram a surgir atritos com as outras potências, cuja reação foi totalmente passiva.

O que acontecerá agora com Irã e Coréia do Norte? São dois pontos chaves para a política internacional. O futuro cenário global depende tanto do que faça os EUA como da reação das potências conformistas que neste caso são: Europa (Inglaterra, França e Alemanha), China e Rússia.

A Casa Branca tem duas opções: comportar-se multilateralmente ou bilateralmente.

O que vão fazer as outras potências, vai depender em grande parte da política adotada pela Casa Branca. Se os EUA buscarem o consenso, é mais que provável que as potências colaborem e surja um consenso inter-hegemônico. Se os EUA optarem por uma postura unilateral, as potências têm duas opções: reação passiva ou reação ativa. Simplificando, temos três cenários:

Cenário 1: Consenso Inter-Hegemônico. Se os EUA atuarem multilateralmente e buscarem consenso com as outras potências (multilateralismo), podemos esperar um clima pacífico entre as potências.

Cenário 2: Enfrentamento Inter-Hegemônico. Se os EUA tomarem uma postura unilateral e as potências conformistas empreenderem uma reação ativa, podemos prever um enfrentamento entre os EUA e uma coalizão integrada por União Européia, China e Rússia.

Cenário 3: Estado revolucionário sem freios. Se os EUA atuarem unilateralmente e não houver reação por parte das potências conformistas, poderemos nos encontrar frente a um Estado revolucionário sem freios. Neste caso, não seria surpreendente uma intervenção militar no Irã ou na Síria.

Ano I	Volume II	Nº 3	Julho/Dezembro 2005	Rio de Janeiro	ISSN 1807-1260
-------	-----------	------	---------------------	----------------	----------------

Estas previsões, há que se admitir, são falíveis. As leis universalmente aceitas que permitem as prever os fatos, são monopólio das ciências exatas. Não existe nas Relações Internacionais a possibilidade de predizer com exatidão o que acontecerá nos próximos anos. Sempre pode surgir algo totalmente imprevisível. São muitas as variáveis em jogo. Entretanto, existem grandes probabilidades de que algum destes cenários se materialize ao menos em suas características essenciais. Isso se deve ao fato de que as relações entre os Estados obedecem a certas regras que nos permitem ver através da neblina dos assuntos internacionais.

A história é cíclica. Os atores podem renovar-se, porém os processos perduram. Neste jogo que é a política internacional, as cartas mudam de cor e o tabuleiro muda sua aparência, porém, a essência do jogo (a luta pelo poder) permanece inalterada. Da compreensão desta luta depende o entendimento de nosso mundo.

